

O Problema da Causação Mental no Naturalismo Biológico: o Dilema entre Epifenomenalismo e Sobredeterminação

*Maxwell Morais de Lima Filho*¹

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar se o conceito de causação mental defendido por John Searle no naturalismo biológico (seção I) o compromete, por um lado, com o epifenomenalismo (estados mentais são desprovidos de poderes causais próprios) ou, por outro lado, com a sobredeterminação causal, isto é, um mesmo evento teria duas causas independentes, uma causa física (neurobiológica) e outra mental (seção II). Searle rejeita ambas as opções, argumentando que se trata de um falso dilema: para dissolvê-lo, basta que se considere que um mesmo sistema pode ser descrito em diferentes níveis (seção III) – processos neurobiológicos e estados mentais são diferentes descrições, respectivamente, dos níveis inferior e superior do sistema cerebral. No entanto, mostrarei que a defesa de *diferentes níveis de descrição do mesmo sistema* só seria adequada se Searle assumisse como consequência a redutibilidade ontológica do mental ao neurobiológico, o que não é o caso, já que os fenômenos mentais são *ontologicamente subjetivos*, diferentemente dos fenômenos neurobiológicos, que são ontologicamente objetivos.

Palavras-chave: Causação mental, epifenomenalismo, sobredeterminação causal, John Searle, naturalismo biológico.

I. CAUSAÇÃO MENTAL NO NATURALISMO BIOLÓGICO

O caminho dos paradoxos é o caminho da verdade. Para testar a realidade, devemos assisti-la na corda bamba. Quando as verdades se transformam em acrobatas, podemos julgá-las. (*Oscar Wilde*)

Para Searle, os estados neurobiológicos *causam* os estados mentais, mas *não há*, entretanto, qualquer tipo de *lacuna temporal* entre aqueles e estes (causação não-humana²): estados psicológicos são causados por processos neurofisiológicos ao *mesmo tempo* em que são realizados no sistema cerebral. Searle se vale da seguinte analogia para explicitar o que ele tem em mente: a consciência é causada³ e

¹ Biólogo e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). O presente artigo foi baseado na minha dissertação de Mestrado, e gostaria de agradecer aos Professores Doutores Dirk Greimann (orientador), Tárík de Athayde Prata e André Leclerc (membros da banca avaliadora). Também quero expressar meu agradecimento à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

² Para maiores detalhes sobre a causação humeana, conferir o *Tratado da Natureza Humana*, livro 1, parte 3 (HUME, 2009).

³ “Os processos conscientes são *causados* por processos neurais de nível inferior que ocorrem no cérebro” (SEARLE, 2000, p. 57. Grifo meu).

realizada⁴ no sistema cerebral da mesma forma que a digestão é causada e realizada no sistema digestório (SEARLE, 2000, p. 54), isto é, os processos conscientes, assim como os processos digestivos, são processos biológicos, enquanto estes últimos são causados por processos físicos, como a mastigação, e por processos químicos (reações enzimáticas) e realizados na estrutura dos próprios órgãos que compõem o sistema digestório (boca, estômago, intestino delgado etc.), os processos conscientes são causados pelas interações entre neurônios (sinapses) através da secreção de neurotransmissores e realizados na estrutura dos órgãos que compõem o sistema nervoso, notadamente o cérebro, motivo pelo qual Searle prefere se referir a sistema cerebral em vez de sistema nervoso. Searle se utiliza dessa simultaneidade entre causação e realização para sustentar que a *localização espacial* da consciência é a *mesma* dos microprocessos que a causam e das estruturas neurobiológicas que a realizam⁵.

Entretanto, mesmo se partindo da simultaneidade entre causação e realização, é *logicamente possível* se considerar que os estados mentais são desprovidos de qualquer poder causal (*epifenômenos*); nesse caso, os estados neurobiológicos subjacentes é que causariam *todos* os estados fisiológicos e psicológicos do indivíduo. Porém, Searle rejeita a concepção epifenomenalista, e justificando a tese da eficácia causal do mental a partir da identidade de poderes causais dos fenômenos neurobiológicos e mentais, e esta identidade, por sua vez, garante que os fenômenos mentais sejam causalmente redutíveis aos neurobiológicos. Portanto, os fenômenos mentais funcionam causalmente no mundo, isto é, um estado mental *M* pode ser a causa de outro estado mental *M** (causação mental-mental) ou de um estado ou processo fisiológico *P* (causação mental-físico ou descendente)⁶.

No entanto, como será mostrado na próxima seção, o naturalismo biológico se encontra diante do que chamarei de dilema *epifenomenalismo-sobredeterminação causal*: ou se considera que estados mentais são causalmente inertes ou se admite que um estado mental tem duas causas distintas. Essa objeção à teoria de Searle é levantada, sobretudo, pelo filósofo Jaegwon Kim, que atualmente é um dos principais defensores do fisicalismo redutivo.

⁴ “A consciência consiste em processos de nível superior *realizados* na estrutura do cérebro” (SEARLE, 2000, p. 57. Grifo meu).

⁵ Dessa maneira, ao defender que os eventos mentais são espacialmente localizados, Searle não enfrenta as dificuldades que se impõem a concepção cartesiana, tais quais: localização espacial (glândula pineal) de uma substância não-espacial (*res cogitans*), e interação entre uma coisa física e uma não-física através de espíritos animais.

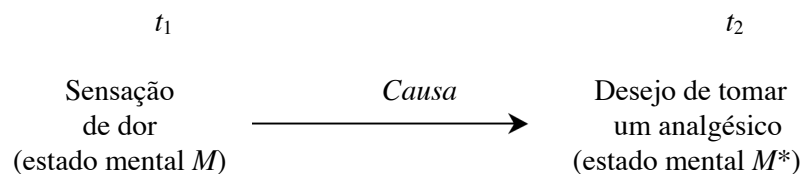
⁶ Têm-se aqui dois níveis de descrição envolvidos, a saber, o inferior (microprocessos fisiológicos) e o superior (estados mentais). Dessa maneira, a causação mental-mental é uma causação *macro-macro*, onde, por exemplo, sentir dor de cabeça (estado mental *M*) causa o desejo de tomar uma aspirina (estado mental *M**). Por sua vez, quando minha intenção de levantar o braço (nível superior) causa as mudanças fisiológicas (nível micro) que são necessárias para que ocorra o movimento corporal, está-se diante de uma causação *macro-micro* ou causação *descendente*. Além disso, pode-se ressaltar que em ambos os casos a causa (a sensação de dor e a intenção de levantar o braço ocorrem em *t*₁) *precede* o efeito (o desejo de tomar um medicamento e as mudanças fisiológicas ocorrem em *t*₂), podendo-se, assim, acrescentar que ambas são causações do tipo esquerda (*t*₁) – direita (*t*₂).

II. O DILEMA EPIFENOMENALISMO-SOBREDETERMINAÇÃO CAUSAL

De acordo com Jaegwon Kim (2005, p. 7), o problema mente-corpo subdivide-se em dois, os quais, por sua vez, são interconectados, a saber: o problema da *causação mental* (KIM, 1998, pp. 32-38) e o problema da *consciência*. O primeiro pode ser resumido com a seguinte questão: como é possível que estados mentais tenham eficácia causal num mundo fundamentalmente físico? Por outro lado, para se obter êxito em resolver o problema da consciência, deve-se explicar o porquê de existir algo como a consciência em um mundo povoado unicamente por entidades físicas. Concentrar-me-ei nesse artigo apenas no problema da causação mental e, de modo mais específico, dentro do naturalismo biológico.

Inicialmente, poder-se-ia perguntar – já que, segundo Searle, estados neurobiológicos são ontologicamente distintos de estados psicológicos, como eles podem ser idênticos do ponto de vista causal? À primeira vista, pelo menos, é razoável supor que a identidade de poderes causais *decorre* da identidade ontológica. Se esse fosse o caso, o naturalismo biológico se enquadraria como um tipo de fisicalismo reduutivo, preservando, assim, a eficácia causal do mental; contudo, o preço a se pagar seria a redução ontológica, o que Searle não aceita, já que ele nega a redução ontológica dos estados mentais a estados neurobiológicos devido à distinção entre ontologia de primeira e de terceira pessoa. Por conseguinte, poder-se-ia considerar duas alternativas para o naturalismo biológico, a saber: (i) partir da distinção ontológica entre estados neurobiológicos e mentais, aceitando, portanto, que eles se diferenciam no que diz respeito aos poderes causais. Como os primeiros são ontologicamente mais básicos, funcionam causalmente no mundo – tanto na produção de outros estados neurofisiológicos quanto na de estados psicológicos. Como estes são inertes da perspectiva causal, são denominados *epifenômenos*. Outra alternativa (ii) é considerar a irreduzibilidade ontológica dos estados mentais a estados neurobiológicos e que, tanto estes como aqueles são dotados de eficácia causal. Porém, caso esse raciocínio seja levado adiante, constatar-se-á a sobreposição de duas causas, uma neurobiológica e outra psicológica, para um mesmo efeito. Ou seja, haverá *sobre-determinação causal*, já que determinado estado X será causado por um estado cerebral *e* por um estado mental.

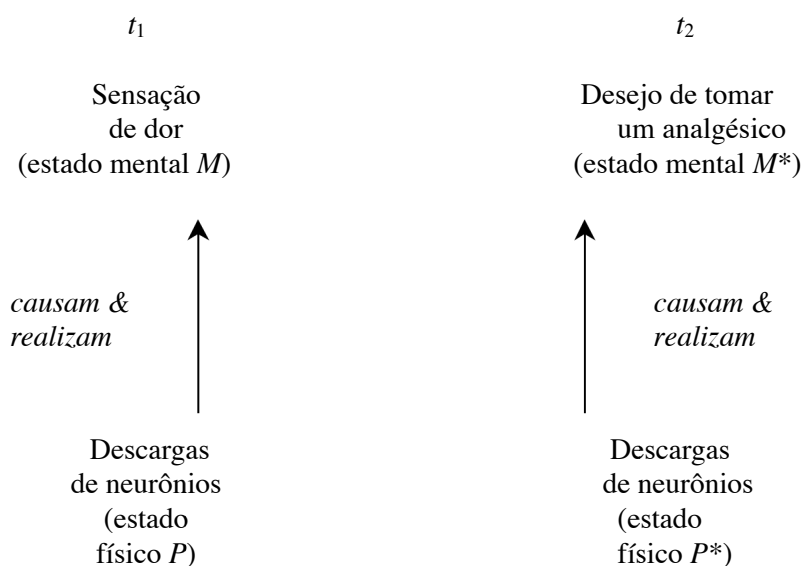
Para demonstrar isso, considere inicialmente o seguinte exemplo. De acordo com causação mental-mental, minha dor de cabeça, estado mental *M*, causa o meu desejo de tomar uma aspirina, estado mental *M**:



No entanto, as propriedades mentais dependem⁷ de um substrato físico e se este estiver presente, aqueles ocorrerão, ou seja, as condições físicas basais são *suficientes* para o aparecimento das

⁷ A relação de dependência ou determinação é *assimétrica*, ou seja, as propriedades mentais dependem de (ou são determinadas por) propriedades neurobiológicas, mas não o inverso (KIM, 1998, p. 11).

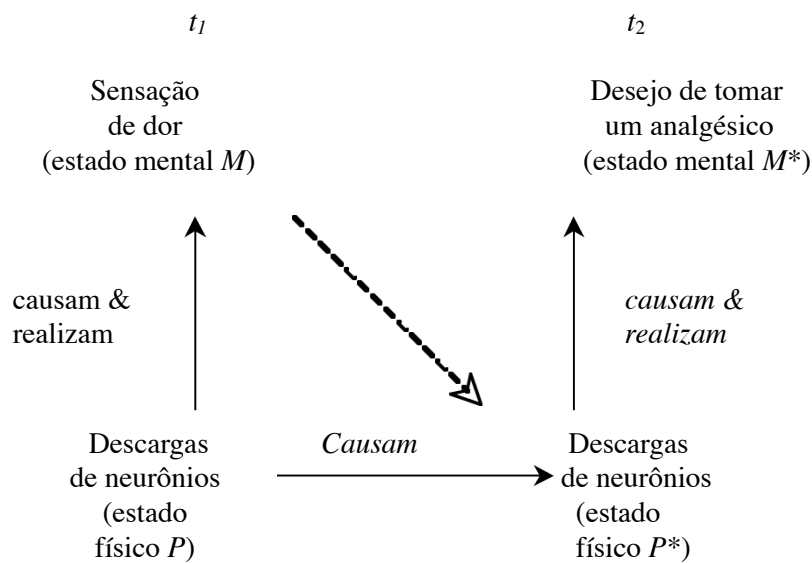
propriedades de nível superior, no caso, das propriedades mentais. Sendo assim, as propriedades mentais de sentir dor e desejar um medicamento possuem realizadores físicos, no caso, as propriedades neurobiológicas subjacentes:



Como o nível físico é o mais fundamental, chega-se à conclusão de que a física tem uma *primazia ontológico-explicativa* sobre as demais ciências⁸. O princípio do *fechamento causal do domínio físico* decorre dessa primazia: segundo esse princípio, todo evento físico que ocorre em um tempo t tem uma causa física em t (KIM, 1993a, p. 280). Sendo assim, P^* deve ter uma causa física, no caso, P :

Mas como explicar que a sensação de dor causa o desejo de tomar o analgésico (causação mental-mental)? A resposta para essa questão, segundo Kim (1993b, p. 351), é a seguinte: a *possibilidade* de ocorrer causação mental-mental está vinculada à causação descendente, ou seja, o *único* modo da sensação de dor produzir o desejo de tomar um analgésico é causar a propriedade física de base deste último (seta pontilhada):

⁸ "What does the determining must be taken to be, in some sense, ontologically prior to, or more basic than, what gets determined by it." (KIM, 1998, p. 11).



Porém, se esse fosse o caso, P^* teria duas causas, uma física e outra mental, respectivamente, P e M , ou seja, P^* seria sobredeterminado. No entanto, não é plausível que P e M juntos causem P^* , já que pelo princípio de fechamento causal tem-se que P é *suficiente* para causar P^* e, portanto, M não adiciona qualquer poder causal a P (KIM, 1998, p. 44). Disso decorre o que Kim (1993a, p. 281) chama de *problema da exclusão explicativo-causal* – já que o evento P^* tem uma causa física, P , como é possível que aquele primeiro evento *também* seja causado por M ? Kim resolve essa questão ao se *excluir* M , haja vista que o evento P é, por si próprio, suficiente para fornecer uma explicação causal de P^* ⁹.

Em poucas palavras, pode-se delinear a posição fisicalista redutiva de Kim¹⁰ do seguinte modo: as propriedades mentais são instanciações de propriedades de segunda ordem de seus realizadores físicos (propriedade de primeira ordem). Ao se reduzir aquelas propriedades a estas, salva-se a eficácia causal do mental, através do *princípio de herança causal*: os poderes causais das propriedades mentais são idênticos aos poderes causais das propriedades basais (ou ao conjunto de seus realizadores, em caso de realização múltipla). Ou seja, as propriedades de nível superior não possuem poderes causais que já não

⁹ “Given that p has a physical cause p^* , what causal work is left for m to contribute? The physical cause therefore threatens to exclude, and preempt, the mental cause.” (KIM, 1998, p. 37).

¹⁰ Para ser mais preciso, nem todo domínio mental é, segundo Kim, redutível ao domínio físico. Apenas as propriedades mentais que são passíveis de serem *funcionalizadas* – isto é, que podem ser definidas em termos de seus papéis causais – é que são redutíveis e, conseqüentemente, dotadas de poderes causais. Ao defender essa concepção de redução, Kim tem que admitir que o programa fisicalista é apenas *parcialmente* exitoso, já que nem todos os fenômenos mentais são redutíveis a fenômenos físicos: “(...) it is important not to think that the mental as a totality must be either all reducible or all irreducible. It may well be that parts of the mental are reducible while the rest is not” (KIM, 2005, p. 161). Para Kim, as características qualitativas da experiência consciente (estados fenomênicos ou *qualia*) são irreduzíveis, pois não são funcionalizáveis. Isso tem como conseqüência que os *qualia* não passam de resíduos mentais ou epifenômenos: “(...) the mental residue, insofar as it resists physical reduction, remains epiphenomenal. It has no place in the causal structure of the world and no role in its evolution and development” (KIM, 2005, p. 171).

estejam presentes em seus realizadores físicos, já que estes as determinam. O próprio Kim resume da seguinte maneira o princípio da herança causal: “If a second-order property *F* is realized on a given occasion by a first-order property *H* (...), then the causal powers of this particular instance of *F* are identical with (or are a subset of) the causal powers of *H* (or of this instance of *H*)” (KIM, 1998, p. 54). Portanto, não há, para Kim, nenhum problema em se afirmar que *M* causou *M**, já que *M* é redutível e, portanto, ontológica e causalmente idêntico a *P* e este, por sua vez, é suficiente para produzir *P**, ou seja, *M**.

O naturalismo biológico, entretanto, é incompatível com a proposta de Kim, pois apesar de defender algumas teses que se assemelham ao fisicalismo redutivo¹¹, Searle não é, *definitivamente*, um adepto de tal concepção. Em minha opinião, pode-se enxergar o naturalismo biológico como uma *filosofia da consciência subjetiva*, já que, segundo o próprio Searle, a consciência ocupa a posição central nas questões de filosofia da mente¹² e sua principal (mas não única) característica é a ontologia *subjetiva*, característica esta que a torna ontologicamente irredutível a qualquer tipo ou espécime de fenômeno físico e, além disso, difícil de ser abordada cientificamente:

Os estados e os processos mentais conscientes têm uma *característica especial*, não encontrada em outros fenômenos naturais, a saber, a subjetividade. É esta característica da consciência que torna seu estudo tão teimosamente *desafiador* aos métodos convencionais da pesquisa biológica e psicológica, e mais *confuso* para a análise filosófica (SEARLE, 1997, pp. 138-139. Grifos meus).

Porém, caso se considere, como Searle, que o mental é ontologicamente distinto do físico, deve-se optar por uma das alternativas citadas anteriormente: (i) *M* e *M** não possuem qualquer papel causal no Universo, ou seja, são meros *epifenômenos*; ou (ii) a cadeia causal dos fenômenos é *sobredeterminada*, já que *P** é causado tanto por *P* (causação físico-físico) como por *M* (causação descendente), e *M**, por sua vez, é causado por *M* (causação mental-mental) e por *P** (causação ascendente). Mostrarei na próxima seção que Searle rejeita ambas as opções do dilema, propondo, para tanto, uma terceira alternativa.

III. DEFESA DE SEARLE: DIFERENTES NÍVEIS DE DESCRIÇÃO DE UM MESMO SISTEMA

Searle nega veementemente que sua noção de causação mental o comprometa com o epifenomenalismo ou com a sobredeterminação causal. Iniciarei expondo os motivos pelos quais ele rejeita a sobredeterminação causal.

¹¹ A seguinte passagem ilustra bem esse fato, e ela é tão importante que o próprio Searle a destacou completamente em itálico: “*Consciência, em resumo, é uma característica biológica de cérebros de seres humanos e determinados animais. É causada por processos neurobiológicos, e é tanto uma parte ordem biológica natural quanto quaisquer outras características biológicas, como a fotossíntese, a digestão ou a mitose*” (SEARLE, 1997, p. 133).

¹² “A razão para enfatizar a consciência numa explicação da mente é que ela é a noção mental central. De uma maneira ou de outra, todas as outras noções mentais – como intencionalidade, subjetividade, causação mental, inteligência etc. – só podem ser plenamente compreendidas como *mentais* por meio de suas relações com a consciência” (SEARLE, 1997, pp. 125-126). Ou seja, o estudo da mente é *fundamentalmente* o estudo da consciência: “o estudo da mente é o estudo da consciência, exatamente no mesmo sentido em que a biologia é o estudo da vida” (SEARLE, 1997, p. 326).

Defender que “a consciência (...) é um fenômeno biológico natural” (SEARLE, 1997, p. 138) implica, para Searle, que o nível adequado para explicá-la é o nível neurobiológico. Ou seja, o conhecimento da *organização* e da *interação* entre as células nervosas de meu cérebro é suficiente para fornecer uma explicação causal da consciência. Imagine a seguinte situação hipotética, mas não implausível. Suponha que num futuro próximo os neurocientistas descubram que o estado consciente *C* *sempre* está associado ao estado neurobiológico *N*: (i) não há *C* sem que haja *N*, logo *N* é *necessário* para *C*, e (ii) a simples instanciação de *N* faz com que *C* ocorra, o que significa que *N* é *suficiente* para *C*. Dito de outra forma, *N* é o correlato neural do estado consciente *C*. Note, porém, que a descoberta de correlatos neurais da consciência (do inglês, *neuronal correlates of consciousness* – NCC) não é apenas descritiva, mas, além disso, também traz ganhos explicativos: descrever que *N* é necessário e suficiente para *C* tem como implicação que *N explica causalmente C*. Sendo assim, pode-se afirmar que *C* é causalmente redutível a *N*, ou seja, os poderes causais de *C* são inteiramente explicáveis pelos poderes causais de *N* (SEARLE, 1997, p. 166).

Por exemplo, quando o meu desejo de levantar o braço faz com que o mesmo se erga é porque tal estado (o desejo de levantar o braço) é causalmente redutível ao estado neurofisiológico subjacente que causa sinapses neuromusculares e estas, por sua vez, fazem com que meus músculos se contraíam de forma tal que o resultado é o movimento ascendente do braço. Observe, porém, que a explicação dos fenômenos reduzidos pelos fenômenos redutores através da redução causal se dá pela *identidade* entre os poderes causais dos fenômenos conscientes e neurofisiológicos: “(...) the causal powers of consciousness are exactly the same as those of the neuronal substrate” (SEARLE, 2004, pp. 127-128).

No entanto, *seria* de se esperar que a identidade de capacidades causais tivesse como consequência a redução ontológica do mental ao neurobiológico¹³, mas esta não é a posição de Searle. Afinal, por que ele não admite a redução ontológica dos estados mentais aos estados neuronais? Porque caso se persistisse em tal projeto reducionista, perder-se-ia a característica mais importante, que é a subjetividade ontológica dos estados mentais:

Suponha que tentássemos dizer que a dor é na verdade “nada exceto” as disposições de descargas de neurônios. Bem, se tentássemos uma tal redução ontológica, as características essenciais da dor seriam deixadas de lado. Nenhuma descrição dos fatos de terceira pessoa, objetivos, fisiológicos comunicariam o caráter subjetivo, de primeira pessoa, da dor, simplesmente porque as características de primeira pessoa são diferentes das características de terceira pessoa (SEARLE, 1997, p. 170).

Entretanto, como é possível defender, na mesma teoria, tanto a irredutibilidade ontológica da consciência quanto a redução causal (e, conseqüentemente, a identidade de poderes causais)? A

¹³ O contrário também é verdadeiro, ou seja, a diferença ontológica implica na diferença de poderes causais: “If two things in the real empirical world have an independent existence they must have different causal powers” (SEARLE, 2004, p. 127)

resposta de Searle é que *um mesmo sistema pode ser descrito – e, portanto, explicado – em diferentes níveis*¹⁴:

Esta concepção de explanação [decorrente da relação mereológica existente entre os níveis hierárquicos] oferece-nos a possibilidade, na verdade a necessidade, de que muitas espécies de macrofenômenos sejam explicáveis em termos de microfenômenos. E isto, por sua vez, tem como consequência que haverá diferentes níveis de explanação do mesmo fenômeno, dependendo de se vamos da esquerda para a direita de macro para macro ou micro para micro, ou de baixo para cima de micro para macro (SEARLE, 1997, p. 129).

Um exemplo utilizado por Searle é o que envolve o comportamento do motor de um carro: inicialmente, o movimento de elétrons entre os eletrodos (nível micro) causa e realiza o aumento de temperatura (nível macro). Este aumento, por conseguinte, causa a explosão no cilindro (nível macro). Contudo, a explosão do cilindro é causada e realizada pela oxidação dos hidrocarbonetos que estão presentes no combustível (nível micro), oxidação esta que foi causada pelo movimento de elétrons entre os eletrodos. Portanto, pode-se descrever o comportamento do motor em níveis distintos, onde os processos de nível superior são causados pelos microprocessos e são realizados no sistema, mas isso não implica que aqueles sejam causalmente ineficazes ou epifenomênicos:

Esses são dois níveis [o inferior e o superior] bastante distintos de descrição do comportamento de um motor, mas não há nada incompatível entre essas duas descrições, e não há razão para considerar a descrição de nível superior epifenomenista ou causalmente irreal. (...) O fato de podermos fornecer um relato causal em um nível inferior não implica que os níveis superiores não sejam reais (SEARLE, 2000, p. 63).

Explorando mais de perto a analogia entre o sistema mecânico do carro e o sistema nervoso, constata-se que ambos os sistemas podem ser descritos em diferentes níveis. De um lado, tem-se o nível inferior, que corresponde, no motor, à passagem de elétrons através dos eletrodos e da queima do combustível e, no sistema nervoso, à organização dos neurônios, aos impulsos nervosos e à liberação de neurotransmissores. Por outro lado, há o macronível da explosão dentro do cilindro e movimento dos pistões (motor do carro) e a instanciação de fenômenos mentais (sistema nervoso). Daí o ataque de Searle ao epifenomenalismo, pois todo sistema físico pode ser descrito por meio de suas partes constituintes (relação parte-todo), o que *não significa*, todavia, que o micronível é real – tanto ontológica como causalmente – e os macrofenômenos são apenas aparentes. Os fenômenos psicológicos são *reais*

¹⁴ “Any complex system can be described in different ways. (...) It is tempting to describe this variability of descriptive possibilities in terms of the *metaphor of ‘levels’*, and this terminology has become generally accepted” (SEARLE, 2004, p. 70. Grifos meus). Mostrarei na última seção a limitação e inadequação da metáfora dos diferentes níveis de descrição, tal como é utilizada por Searle, no que diz respeito à relação entre estados cerebrais (micronível) e estados mentais (macronível).

(realismo mental) no mesmo sentido que os pistões do motor são reais e a causação mental é tão *eficiente* (eficácia causal do mental) quanto a capacidade que os pistões têm de movimentar os cilindros¹⁵:

(...) qualquer explicação no nível da consciência tem como base fenômenos mais fundamentais, porque é verdade em relação a qualquer sistema físico que as explicações causais de níveis superiores têm como base explicações microfísicas mais fundamentais nos níveis inferiores. Assinalar que a solidez é explicável em termos do comportamento molecular das ligas metálicas não prova que a solidez do pistão é um epifenômeno; da mesma maneira, assinalar que as intenções são explicáveis em termos de neurônios, sinapses e neurotransmissores não prova que as intenções são um epifenômeno (SEARLE, 2000, pp. 63-64).

À primeira vista, a defesa de Searle *parece* satisfatória, pois nos faz crer, entre outras coisas, que adotar uma postura cética quanto à eficácia causal da consciência é tão implausível quanto duvidar da solidez de um pistão¹⁶! Contudo, mostrarei a seguir que as analogias (liquidez, solidez, motor etc.) que Searle utiliza são limitadas pelo seu próprio arcabouço conceitual, e isso é suficiente para invalidá-las.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, retornarei ao dilema epifenomenalismo-sobredeterminação causal (seção II) e a solução proposta por Searle para resolvê-lo – ou, antes, *dissolvê-lo* (seção III), com o intuito de analisar se ele obtém ou não sucesso em sustentar *coerentemente* a eficácia causal do mental sem que haja eventos causalmente sobredeterminados.

Um dos sentidos da palavra analogia consiste na “relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos” (HOUAISS, 2009, p. 125). No caso analisado acima (seção III), Searle traça semelhanças entre o motor de um carro, por um lado, e a consciência, por outro. No entanto, caso se observe atentamente, constatar-se-á que a terminologia searleana, notadamente a distinções entre ontologia de primeira pessoa e de terceira pessoa, torna suas analogias demasiadamente limitadas e, até mesmo, inadequadas, como mostrarei a seguir.

Em poucas palavras, pode-se resumir da seguinte maneira a defesa de Searle contra o epifenomenalismo e a sobredeterminação causal: já que os estados mentais são causalmente redutíveis a estados neurofisiológicos, estes explicam aqueles. Sendo assim, as propriedades emergentes¹⁷ de um nível

¹⁵ Além deste argumento, Searle também se utiliza da biologia evolutiva para criticar o epifenomenalismo: “seria milagroso, inédito na história biológica, se algo biologicamente tão complexo, rico e estruturado como a consciência humana e animal não tivesse importância causal no mundo. De acordo com o que sabemos sobre a evolução, é pouco provável que o epifenomenismo (sic) possa estar certo” (SEARLE, 2000, p. 61).

¹⁶ Isso se torna bem evidente na seguinte citação: “(...) consciousness is to neurons as the solidity of the piston is to the metal molecules. Both consciousness and solidity function causally. But neither is ‘over and above’ the systems of which they are a part” (SEARLE, 2004, p. 131).

¹⁷ Propriedades emergentes são propriedades que não podem ser deduzidas ou concebidas ou calculadas a partir das características dos elementos que constituem um determinado sistema: “(...) algumas (...) características do sistema não podem ser concebidas meramente a partir da composição dos elementos e relações ambientais; têm que ser explicadas em termos das *interações causais entre os elementos*” (SEARLE, 1997, p. 162. Grifos meus). Para Searle, a consciência é uma propriedade emergente do sistema cerebral.

devem ser explicadas a partir dos microprocessos que a causam. Dito de modo mais específico, “the causal functioning of consciousness is just a form of brain functioning described at a level higher than that of neurons and synapses” (SEARLE, 2004, p. 130). É nesse ponto que Searle se vale da analogia para explicitar seu ponto de vista: para se explicar a solidez do pistão, deve-se compreender o comportamento molecular de nível micro; de *maneira análoga*, a explicação dos fenômenos mentais (macronível) deve provir das interações sinápticas que ocorrem no sistema nervoso (micronível), e essa explicação causal do nível superior a partir do nível inferior é que garante a eficácia causal dos macrofenômenos:

(...) nossa aceitação provisória da eficácia causal da consciência não é ameaçada se assinalarmos que qualquer explicação no nível da consciência tem como base fenômenos mais fundamentais, porque é verdade em relação a qualquer sistema físico que as explicações causais de níveis superiores têm como base explicações microfísicas mais fundamentais nos níveis inferiores (SEARLE, 2000, pp. 63-64).

Porém, a analogia entre solidez e fenômenos mentais é *limitada*, pois, para Searle, a redução causal da consciência a processos cerebrais não tem como consequência a redução ontológica da mesma – a dor é *causada* pelo disparo de fibras C, mas enquanto este tem uma ontologia de terceira pessoa, aquela tem um modo de existência subjetivo.

Dito de outra forma, segundo Searle a dor e o disparo de fibras C são a *mesma* coisa em termos causais, mas *não* do ponto de vista ontológico. Porém, a liquidez é *nada exceto* a interação das moléculas de água por ligações (ou pontes) de hidrogênio, assim como um objeto sólido – um pistão, por exemplo – é *nada exceto* as moléculas que o compõem interagindo na forma de estruturas reticuladas; conseqüentemente, há *identidade ontológica* entre os níveis superior (liquidez e solidez) e inferior (comportamento das moléculas). Justamente por causa disso a analogia de Searle não se sustenta, pois propriedades como liquidez e solidez (e objetos como pistões) são coisas bem distintas, do ponto de vista ontológico, de dores, desejos e crenças.

Tendo em vista o fracasso das analogias utilizadas por Searle, sua defesa de *diferentes níveis de descrição do mesmo sistema* não é de grande valia, pois afirmar, por um lado, que os fenômenos mentais são ontologicamente subjetivos, causalmente eficazes e reais o compromete com a sobredeterminação causal tanto de estados mentais como físico-neurobiológicos: (i) o estado mental M^* é causado pelo estado mental M e pelo estado neurobiológico P^{18} ; (ii) o estado neurobiológico P^* é causado pelo estado neurobiológico P e pelo estado mental M^{19} .

Pode-se evitar tal situação caso se defenda que o mental é ontologicamente redutível e, portanto, idêntico ao neurobiológico, sendo assim, tem-se que: (i') o estado mental M^* possui **uma** causa, já que $M = P$, da mesma maneira que (ii') o estado neurobiológico P^* tem causa **única**, pois $P = M$. Obviamente, o

¹⁸ Na causação $M \rightarrow M^*$, a causa *precede* o efeito, diferentemente da causação $P \rightarrow M^*$, onde causa e efeito são *simultâneos*.

¹⁹ No caso de (ii), há *lacuna temporal* entre causa e efeito tanto no que se refere à causação físico-física ($P \rightarrow P^*$) quanto à causação descendente ($M \rightarrow P^*$).

preço a se pagar é o abandono da tese da subjetividade ontológica da consciência, o que Searle não está disposto a fazer.

Por outro lado, pode-se defender a subjetividade/irreducibilidade ontológica da consciência e a ausência de sobredeterminação causal caso se aceite que os fenômenos mentais não desempenham qualquer função causal no mundo, ou seja, caso se defenda que os fenômenos psicológicos são meros *epifenômenos*, o que Searle *também* não aceita²⁰.

Searle rejeita o epifenomenalismo ao defender que a eficácia causal do mental se deve à identidade entre os poderes causais dos estados neurobiológicos e mentais. Em outras palavras, ele defende que os fenômenos mentais desempenham papéis causais no mundo, já que são *idênticos*, da perspectiva causal, aos processos neurobiológicos subjacentes. Todavia, é *incoerente* sustentar a identidade das capacidades causais e a diferença ontológica entre os fenômenos neurobiológicos e mentais: assumir a identidade de poderes causais *implica* no comprometimento com a identidade ontológica. Portanto, é difícil compreender como a diferença ontológica é compatível com a eficácia causal do mental: “For if the mental is not identical to the physical, and the physical is causally complete, then how can there be any causal work for the mental to do?” (CRANE, 1993, p. 319). Dessa forma, constata-se que a concepção de causalidade mental presente no naturalismo biológico é bastante problemática, e, deve-se ressaltar, não é possível resolver o problema mente-corpo sem se obter êxito nesse quesito:

Any would be solution to the mind-body problem must include an account of mental causation, and not simply posit it as an obvious fact we must all accept. I don't see such an account in Searle; nor I do see a serious possibility of developing one within the terms set by his biological naturalism (KIM, 1995, p. 194).

Por fim, resumo da seguinte maneira as conclusões deste artigo:

- 1) Devido ao modo de existência subjetivo da consciência, é inadequado compará-la com propriedades que possuem ontologia de terceira pessoa, como a liquidez e a solidez;
- 2) Não é possível para Searle defender simultânea e coerentemente que a consciência é ontologicamente irreducível a fenômenos neurofisiológicos e que ela também é causalmente eficaz, ou seja, *ou* se assume que os fenômenos mentais são epifenomênicos *ou* se assume que há eventos sobredeterminados causalmente.

Searle afirma que o naturalismo biológico é a *solução* para o problema mente-corpo²¹, mas, caso se analise atentamente, constatar-se-á que *existem mais coisas* entre o neurobiológico e o mental do que sua filosofia pode explicar...

²⁰ Essa não é a única alternativa. Para maiores detalhes, conferir o fisicalismo não-redutivo proposto por Derek Pereboom & Hilary Kornblith (2004, p. 724). Segundo a concepção defendida por esses autores, o dilema epifenomenalismo-sobredeterminação causal não chega nem a se colocar.

²¹ A *solução* proposta por Searle está resumida na seguinte passagem: “(...) os fenômenos mentais são causados por processos neurofisiológicos no cérebro, e são, eles próprios, características do cérebro. (...) Os processos e fatos mentais fazem parte de nossa história natural biológica tanto quanto a digestão, a mitose, a meiose ou a secreção enzimática” (SEARLE, 1997, p. 7). Conferir também Searle (2000, pp. 54-56; 2004, pp. 113-114).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANQUINHO, João [et al.]. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CRANE, Tim. “Review on The Rediscovery of The Mind”. *International Journal of Philosophical Studies*, v. 1, n. 2, pp. 313-323, 1993.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Unesp, 2009.
- KIM, Jaegwon. “The myth of nonreductive materialism”. In: _____. *Supervenience and Mind: selected philosophical essays*. Cambridge University Press, 1993a.
- _____. “The nonreductivist’s troubles with mental causation”. In: _____. *Supervenience and Mind: selected philosophical essays*. Cambridge University Press, 1993b.
- _____. “Mental Causation in Searle’s “Biological Naturalism””. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. LV, n. 1, 1995.
- _____. *Mind in a Physical World: An Essay on the Mind-Body Problem and Mental Causation*. MIT Press, 1998.
- _____. *Physicalism or Something Near Enough*. Princeton University Press, 2005.
- PEREBOOM, Derek & KORNBLITH, Hilary. “The metaphysics of irreducibility”. In: HEIL, John. *Philosophy of Mind: a guide and anthology*. Oxford University Press, 2004.
- SEARLE, John. *A Redescoberta da Mente*. Tradução de Eduardo Pereira Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Mente, Linguagem e Sociedade: Filosofia no mundo real*. Tradução de F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. *Mind: A Brief Introduction*. Oxford University Press, 2004.

ABSTRACT: The purpose of this paper is analyze if the mental causation concept defended by John Searle in biological naturalism (section I) commits him with, on one hand, the epiphenomenalism (mental states are unprovided of own causal power) or, on the other hand, with causal overdetermination, or else, the same event would have two independent causes, one physical cause (neurobiological) and a mental one (section II). Searle rejects both options, arguing that they refers to a false dilemma: to dissolve it, it’s necessary to consider that the same system can be descript in different levels (section III) – neurobiological processes and mental states are different descriptions, respectively, of the microlevel and macrolevel of cerebral system. However, I’ll show that the defense *different-levels-of-description-of-same-system* would be appropriated only if Searle assume as consequence the ontological reducibility from the mental to the neurobiological, which is not the case, because the mental phenomenon are *ontologically subjective*, differently of the neurobiological phenomenon, that are ontologically objective.

Keywords: Mental causation, epiphenomenalism, causal overdetermination, John Searle, biological naturalism.

